

**SEXUALIDADE E GÊNERO NA ESCOLA: CONSTRUINDO
ATIVIDADES FORMATIVAS NA REDE PÚBLICA DE ENSINO
ATRAVÉS DO PIBID**

**Raísa Carolina Carvalho Amaral¹, Ana Lucia Castro Oliveira¹, Iolanda Almeida
Souza¹, Juliana Rezende Torres², Laura Alves Oliveira¹ e
Rodrigo Diego Cinto Martinez³**

1. Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal de São Carlos - *campus* Sorocaba - SP.
2. Professora adjunta do Departamento de Ciências Humanas e Educação da UFSCar Sorocaba e coordenadora de área do PIBID. e-mail: julianart@ufscar.br
3. Coordenador do Ensino Médio da Escola Estadual Benedito Leme Vieira Neto (Salto de Pirapora - SP) e supervisor do grupo Sexualidade e Gênero do PIBID Biologia, no ano de 2014.

Resumo: O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) vem se configurando como uma importante política pública para o fortalecimento da formação inicial e permanente de professores, articulando universidade e escola básica. Neste contexto o presente trabalho vem explicitar as ações formativas construídas e vividas no ano de 2014, em um subprojeto PIBID vinculado ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, em parceria com a E. E. Professor Benedito Leme Vieira Neto localizada na cidade de Salto de Pirapora - SP. A partir de uma pesquisa sociocultural deu-se início às atividades junto aos educandos do ensino médio, com o intuito de compreender as contradições e problemáticas vividas pela comunidade escolar. A partir dessa investigação e da demanda identificada pela escola – gravidez na adolescência – ocorreram desdobramentos para a abordagem de assuntos referentes às construções de sexualidade e gênero, com base nos procedimentos dos *Momentos Pedagógicos*. O processo de elaboração e desenvolvimento das ações formativas envolvendo docentes do ensino superior e básico, bem como licenciandas em processo de formação inicial constitui o foco dos resultados apresentados e discutidos.

Palavras Chaves: Sexualidade e Gênero, Atividades formativas, PIBID UFSCar Sorocaba, Momentos Pedagógicos.

SEXUALITY AND GENDER AT SCHOOL: BUILDING TRAINING ACTIVITIES IN PUBLIC SCHOOLS THROUGH PIBID

Abstract: The Institutional Program of Initiation to Teaching (PIBID) is shaping up as an important public policy to strengthen initial and ongoing formation of teachers, articulating College and elementary school. In this context the present work comes clarify formative actions built and lived in the year 2014, in a subproject PIBID is linked to the degree course in biological sciences at the Federal University of São Carlos campus Sorocaba, in partnership with E.E. Teacher Benedito Leme Vieira in Salto de Pirapora-SP. From a socio-cultural research activities began with the students of the high school, in order to understand the contradictions and problems experienced by the school community. From this research and demand identified by school-teenage pregnancy-there were developments to the approach to matters relating to constructions of sexuality and gender, on the basis of the procedures of Teaching Moments. The process of elaboration and development of formative actions involving teachers in higher education and basic, as well as graduation students in the process of initial training is the focus of the results presented and discussed.

Key-words: Sexuality and gender, educational activities, PIBID UFSCar Sorocaba, Teaching Moments.

Introdução

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) é um dos projetos financiados pela CAPES em parceria com o Ministério da Educação e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Esse programa, enquanto iniciativa de política pública tem possibilitado processos de formação de professores durante o percurso acadêmico. Propiciando aos futuros educadores, os licenciandos nas diversas áreas do conhecimento, um contato mais próximo da realidade escolar e assim dos seus conflitos e contradições, influenciando na construção de uma práxis pedagógica com o olhar voltado para essas situações que tangem o cotidiano da comunidade escolar. Sendo de grande relevância as pesquisas desenvolvidas no âmbito desse programa, gerando uma possibilidade de maior investimento na formação dos futuros educadores, bem como influenciando o ambiente escolar a partir de suas ações.

Tendo em mente o papel desse programa e suas possibilidades foram realizadas atividades formativas no âmbito do PIBID, vinculadas ao curso de Licenciatura em

Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, em parceria com a E. E. Professor Benedicto Leme Vieira Neto, localizada na cidade de Salto de Pirapora - SP. O intuito desta parceria é contribuir para o fortalecimento da discussão acerca das ações de programas e projetos desenvolvidos entre universidades e escolas, para a promoção da melhoria da qualidade da educação básica e para a formação de sujeitos críticos e conscientes que busquem a construção de uma sociedade humanamente justa e igualitária. Quanto a isso, Freire (2008, p. 76) afirma que “o homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação”.

Neste contexto foi realizada uma pesquisa sociocultural e iniciado o trabalho junto aos educandos do ensino médio, buscando compreender quais as principais dificuldades enfrentadas por esses jovens e como a escola tem trabalhado essas questões no âmbito da educação formal. Com isso identificamos que, dentre outras questões sociais, uma problemática vivida na escola é a *gravidez na adolescência* e após interações com os educandos ocorreu um direcionamento às questões de *gênero e identidade sexual*.

Consideramos a escola como um ambiente privilegiado para o desenvolvimento de ações formativas acerca desta temática, pois, trata-se de um espaço em que as relações de poder historicamente construídas permeiam as relações da comunidade no âmbito escolar, uma vez que, nessa instituição são transmitidos os padrões de sociabilidade, os valores e a moral, onde há o condicionamento das concepções de sexualidade e gênero. Ressaltamos ainda, que no decorrer do trabalho foram surgindo demandas baseadas em outras identidades transversalizadas como questões de relações raciais, idade e diversidade sexual. Como traz Louro (2007) ao destacar a forma com que os educadores encaram a temática sexualidade, onde pensam que se essas questões não forem tratadas, os problemas referentes à sexualidade ficarão fora da escola. A autora afirma então que “a escola não reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas ela própria as produz”.

No ambiente escolar, o processo de socialização é decorrente de transmissões de padrões de sociabilidade contendo regras comportamentais, valores, parâmetros morais e éticos, influenciados pela formação dos educandos, seja essa dentro do espaço familiar bem como outros espaços em que haja interação social. O conhecimento da sexualidade, portanto, ganha novos significados enquanto percorre outros diversos arranjos e cenários que envolvem posições políticas, sociais, institucionais e pessoais, muitas vezes, não exploradas quando se visualiza a construção do cotidiano e as possibilidades de desestabilizar identidades e discursos dominantes (CARVALHO, 2009).

Neste trabalho a realização de atividades formativas em Sexualidade e Gênero no ambiente escolar mostra-se de grande importância, pois com isso contribuímos enquanto equipe PIBID com os processos formativos tanto dos educandos como dos educadores e da comunidade escolar. A desconstrução de valores de senso comum a partir de uma prática consciente e que vise desmistificar a visão que governa nossos pensamentos, sentimentos, ações e realizações no mundo são de grande contribuição na formação na educação básica, e esse processo vem acontecendo através de projetos como o que estamos desenvolvendo.

Passaremos a explicitar a articulação entre pesquisa e ensino feita pelo grupo PIBID Biologia Sexualidade e Gênero na E. E. Benedicto Leme Vieira Neto, UFSCar Sorocaba, no ano de 2014.

Percursos metodológicos

A dinâmica do grupo foi realizada através de encontros semanais na escola juntamente com o supervisor e reuniões na universidade com a presença do supervisor e da coordenadora, onde foram discutidas, refletidas e elaboradas todas as ações realizadas na escola.

Como ponto de partida para as ações formativas na escola, o grupo se fundamentou na perspectiva da práxis pedagógica (FREIRE, 2008), buscando informações junto aos alunos que se relacionassem aos aspectos culturais, ambientais,

socioeconômicos e familiares acerca da realidade vivida, buscando articular as dimensões local e global, presente, passado e futuro, a partir de vivências práticas realizadas no contra turno.

É nesse momento que os estudantes são desafiados a expor os seus entendimentos sobre determinadas situações significativas que são manifestações de contradições locais (FREIRE, 2008) e que fazem parte de suas vivências. Vale lembrar que essas situações foram obtidas durante o processo de investigação temática (FREIRE, 2008) e, portanto, estão diretamente vinculadas aos temas selecionados.

Em um primeiro momento o grupo seguiu o projeto mantendo seu olhar na situação apontada pela escola - gravidez na adolescência, a fim de identificar dentro da perspectiva freireana como poderíamos trabalhar esse tema, para que então houvesse o aprofundamento buscando compreender essa situação, vivenciada no contexto de vida dos estudantes. Para Freire (2008), as *situações-limite* são dimensões que se apresentam desafiadoras e problemáticas que surgem da atividade humana e que assim se tornam possibilidades para a transformação, a partir da sua identificação e superação através das ações de enfrentamento sobre a realidade vivenciada. Portanto, para essa compreensão o grupo decidiu conjuntamente realizar entrevistas semi estruturadas com algumas adolescentes que engravidaram nessa escola, para que assim pudéssemos ter uma aproximação da realidade vivenciada por essas estudantes, olhar através do olhar delas e de suas falas como foi a vivência desse processo, quais e como foram os caminhos percorridos.

A partir desse momento, pudemos ter um conhecimento da realidade das adolescentes, suas dúvidas a respeito da sexualidade, como até então tinham enxergado e como passaram a enxergar as relações sexuais, como a escola se posicionou diante das situações e como também trabalhou essas questões até esse momento. Com a síntese do processo investigativo realizado nas entrevistas conseguimos identificar algumas falas mais significativas, que traziam em si a contradição vivida, e assim a identificação dos limites explicativos (GOUVÊA SILVA, 2004) pelas quais aquela comunidade escolar vive em relação a essa temática.

Com base nesse primeiro momento de investigação temática, o nosso grupo pode então estar com maior apropriação das questões que norteiam a vida desses jovens com os quais estávamos nos propondo a construir conjuntamente uma práxis questionadora, crítica e emancipatória, a partir dos *Momentos Pedagógicos* (DELIZOICOV, ANGOTTI, PERNAMBUCO, 2002), a saber: *Problematização Inicial*, onde são apresentadas questões ou situações cotidianas, que estão ao alcance da realidade dos educandos, onde há o desafio de esses jovens exporem suas opiniões, para que o educador possa identificar o que eles sabem e pensam *a priori*; *Organização do Conhecimento*, nesse momento sobre a orientação do educador são apresentados os conhecimentos necessários para a compreensão dos temas que envolvem a problematização inicial e, *Aplicação do Conhecimento* onde os educandos são convidados a compreender sistematicamente, elaborar soluções e edificar o conhecimento adquirido em suas inúmeras formas e possibilidade de realização.

A partir deste novo olhar dado ao projeto, observamos a necessidade de antes de realizarmos as ações, propor um momento de interação para conhecer os educandos e assim começarmos a construir um laço de confiança com os mesmos, para tanto, realizamos uma atividade inicial.

Vivência de integração e sociabilização: Até então, o grupo ainda não havia tido contato com todos os alunos do Ensino Médio, apenas com as adolescentes entrevistadas. Por isso elaboramos uma apresentação do projeto com uma dinâmica de interação, onde através da vivência em roda, de olharmos e nos apresentarmos uns aos outros pudéssemos compartilhar um pouco nossas visões de mundo e principalmente, as visões que temos do ambiente que estávamos ocupando naquele momento: A escola. A primeira dinâmica que continha placas com questionamentos (Quem somos nós? O que queremos da Escola? Qual nosso papel na escola?) onde o educando retirava uma questão e direcionava a nós, as integrantes do grupo respondiam e posteriormente retornávamos a pergunta a eles. A segunda dinâmica o intuito era que estimulássemos a possibilidade de sonhar, cada integrante escrevia seu sonho e o guardava dentro de uma bexiga, e esse deveria ser protegido a qualquer custo, o objetivo era não deixar o outro estourar ou “destruir” seu sonho.

Depois desse primeiro momento de interação, começamos a elaboração dos próximos passos, tendo como ponto de partida o que havíamos colhido até então a partir da problematização inicial, do que identificamos nesses processos investigativos, das falas que possibilitavam que continuássemos a construção da temática. Com esses momentos, pudemos identificar que, anteriormente, à abordagem sobre gravidez na adolescência, deveríamos trabalhar junto àquela comunidade escolar a temática Sexualidade e Gênero, pois essa nos possibilitaria abranger questões que estavam latentes naquele grupo. Com base nisto, foi elaborada a primeira atividade:

Primeira atividade: debatendo sexualidade e construções de papéis de gênero.

Nessa primeira atividade a sequência metodológica esteve inspirada pela construção a partir dos *Momentos Pedagógicos*. No primeiro momento, para que pudéssemos problematizar as construções de papéis de gênero e como se dão as construções e manifestações da sexualidade na adolescência exibimos o curta metragem “Era uma vez outra Maria”. No segundo momento houve divisão dos educandos em pequenos grupos onde a tarefa era analisar e refletir em torno de imagens de situações cotidianas que reforçam as divisões de gênero e seus papéis sociais, e após esse exercício cada grupo deveria socializar com os demais as reflexões levantadas. Partindo então para o segundo momento pedagógico, onde pudemos identificar as visões de mundo dos jovens, sendo o conhecimento levantado por eles, socializado e organizado, à medida que íamos introduzindo conceitos e conteúdos teóricos a respeito da temática. E no último momento pedagógico houve a aplicação do que fora apreendido, elaborando material onde sistematizaram os conceitos e visões construídas pelos grupos.

Por fim foi realizada uma avaliação da atividade proposta, para que pudéssemos identificar as necessidades não atendidas e o que os educandos conseguiram superar em suas visões de mundo a partir dessa prática pedagógica.

Segunda atividade: Somos todos iguais?

Tomamos como base para a elaboração desta atividade os resultados obtidos na primeira oficina, onde os alunos mostraram dúvidas acerca de questões sobre LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis) e homofobia. Mais uma vez procuramos percorrer os *Momentos Pedagógicos*, onde para problematizarmos as temáticas levantadas, trouxemos dois vídeos: “Não é por que eu sou gay” e “Não é por que eu sou lésbica”, que proporcionaram a reflexão dos educandos em relação à heteronormatividade. Em outra dinâmica, o intuito era levantar questões em relação às diferenças entre todos, sobre individualidade, onde foi realizada uma sensibilização, onde conseguiram através desse momento organizar os conhecimentos levantados a partir de uma discussão em roda. No terceiro momento houve a exibição de imagens proporcionando mais reflexão e problematização. Com o decorrer dessas vivências as discussões iam sendo trazidas e o conhecimento sistematizado.

Resultados e Discussão

Ao iniciarmos as atividades através da realização das entrevistas com as adolescentes que passaram pelo processo de gravidez na adolescência no ambiente escolar, foi perceptível a necessidade de discussões de Sexualidade e Gênero na escola, nos propiciando maior reflexão sobre o assunto, levando em conta que ações realizadas apenas com o público feminino seriam ações que causariam exclusão, o que tornou o projeto mais amplo, incluindo todos os alunos do Ensino Médio, sem distinção de gênero. Mostrou ainda que a temática Gravidez na Adolescência, mesmo sendo a demanda inicial da escola, tornou-se um dos viéses abordados, assim como outros encontrados no decorrer do trabalho, como, por exemplo, questões de machismo, feminismo e LGBTT.

No primeiro contato com os educandos o objetivo da atividade foi alcançado, pois, conseguimos nos aproximar desses jovens, deixando-os a vontade, conhecendo a realidade deles, além de contar com uma grande participação e interesse em todas as salas e, a partir das respostas, dos sonhos, das falas significativas e de questões levantadas durante a atividade, foi possível planejar a primeira vivência.

Após a exibição do curta metragem exibido na primeira atividade os alunos levantaram os seguintes pontos:

- Sociedade: como objeto de manipulação, papel da sociedade, sociedade ditadora, papel da escola (em relação à sexualidade), imposição de valores, censura, futuro;
- Gravidez: consequências, prevenções contra doenças, abandono, direitos da mulher, Lei Maria da Penha, feminismo, estupro;
- Machismo, origens bíblicas, estupro, masturbação, discursos;
- Direitos iguais e igualdade de gênero.

Tais levantamentos foram norteadores, nos proporcionando um valioso debate onde puderam se expressar e demonstrar diferentes opiniões sobre o mesmo assunto, o que para nós foi muito importante, além do surgimento de temáticas classificadas pelos educandos como as mais importantes, dentre elas: causas LGBTT, homofobia, moral do cidadão (família, religião, escola, sociedade), entre outros. No fim da vivência os alunos nos solicitaram a criação de um grupo nas redes sociais (Facebook) onde pudéssemos divulgar vídeos, entrevistas, artigos, entre outros, ligados à temática para aprofundamento teórico. O uso desse espaço virtual foi alimentado de muitas opiniões dos grupos que participaram das atividades, dúvidas e anseios foram compartilhados. Atualmente ainda existe esse grupo, porém a assiduidade do uso deste é menor do que inicialmente.

Na realização da segunda vivência a participação dos alunos continuou contribuindo para que o trabalho fosse realizado com sucesso e obtivesse resultados satisfatórios. Foi uma atividade reflexiva, com momentos em que pudemos desmistificar situações heteronormativas, onde os educandos mostravam-se sempre curiosos e, após a exibição do curta metragem chamado “Heterofobia - mundo ao contrário”, foi possível notar o impacto que o curta causou nos alunos pois, após a exibição, eles permaneceram em silêncio por um longo tempo, e depois justificaram dizendo já terem vivido situações de agressão (tanto no papel do agressor, quanto no papel de agredido) semelhantes às do filme. O que nos mostra que essas ações foram

importantes por conseguirem de alguma forma contribuir na construção de uma visão crítica e emancipatória desses jovens.

Considerações finais

Em relação à temática de Sexualidade e Gênero, foi possível detectar a necessidade da realização de discussões e atividades no ambiente escolar, pois muitas vezes, a temática é vista como responsabilidade do educador de Ciências Naturais e por não fazer parte do currículo escolar, é tratada de maneira superficial, focando apenas em questões voltadas a área da saúde.

Diante disto, os Parâmetros Curriculares Nacionais que tratam dos temas transversais (BRASIL, 1998) já anunciavam a necessidade de transversalizar a abordagem da temática Orientação Sexual, revelando que “praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano”.

O que é percebido é que essa abordagem geralmente não abarca as ansiedades e curiosidades dos jovens, por focar o corpo biológico e não incluir com isso a dimensão da sexualidade. Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a sexualidade é manifestada em todas as faixas etárias, e por isso não deve ser ignorada, ocultada e reprimida, e que essas são respostas recorrentes por profissionais da escola, que se baseiam na ideia de que a sexualidade é um tema que deve ser tratado pela família. Entendendo, portanto, a importância do papel da escola enquanto espaço que é palco das construções dos sujeitos, buscando contribuir para a formação crítica buscando preencher lacunas deixadas por outros campos em que as manifestações de valores e moral são expostas (mídia, família, igreja) e que são construções que a criança e o adolescente já possuem.

Compreendemos ainda a importância de se abordar a sexualidade da criança e do adolescente não somente no que tange aos aspectos biológicos, mas também e principalmente aos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos dessa

sexualidade. Vemos então, a importância de ações que visem atuar nessa transversalidade temática, que consiga navegar por esses campos do conhecimento contribuindo na formação dos sujeitos.

Desempenhar essas atividades na escola foi de início desafiador e no decorrer das atividades o grupo encontrou maior facilidade de trabalhar com a temática, além de contar com a ajuda dos alunos, o que fez com que esse trabalho pudesse ser realizado.

Foi perceptível em relação a este trabalho que aos poucos foram desenvolvidas práticas, muitas vezes sem perceber, que nos levaram a saber lidar com conflitos e a saber lidar com os alunos sem nunca ter feito isso antes, o que tornou essa experiência ainda mais satisfatória dando alta relevância a nossa formação em Licenciatura, sem dúvida uma experiência muito enriquecedora em termos de aprendizagem, pois nos prepara para um melhor desenvolvimento nas salas de aula, além de nos proporcionar vivência na rotina escolar e nos ensinar a valorizar a importância da prática docente durante a formação.

Após a realização de todas as atividades foi possível superar as expectativas almejadas, pois se pretendia exercer o papel de um Educador Crítico que, em nossa percepção, com base nos resultados obtidos, foi possível ser construída uma relação de igualdade entre educador e educando, através de uma prática social horizontalizada, de modo a incitá-los a tornarem-se mais críticos, não só em questões ligadas ao tema, mas também relativas a outras. Novas ações formativas, agora envolvendo alunos do ensino fundamental, seguem em desenvolvimento no ano de 2015.

Referências

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. 164 p.

CARVALHO, F. A. de. **Que saberes sobre sexualidade são esses que (não) dizemos dentro da escola?** In: FIGUEIRÓ, M. N. D (Org.). Educação Sexual: em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009, p 1-6.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. P.; PERNAMBUCO, M. M. C. A. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, P. (1970). **Pedagogia do Oprimido.** 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GOUVÊA SILVA, A. F. A. **Construção do Currículo na Perspectiva Popular Crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas.** Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** (9ª. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.